Dia 20 — São Bernardo, Confessor

São Bernardo, primeiro abade de Claraval, ilustre pela santidade de sua vida, por sua doutrina e por seus milagres; servo muito zeloso e muito querido da Santíssima Virgem; luz do mundo cristão e um dos maiores ornamentos da Igreja da França, nasceu no ano de 1091 na pequena povoação de Fontaine, província da Borgonha, diocese de Langres, a três quartos de légua de Dijon. Era senhor do mesmo lugar seu pai Tescelino, descendente dos condes de Châtillon e de uma das mais ilustres casas da província. Sua mãe, Aleth, era filha de Bernardo, senhor de Montbard, parente dos duques da Borgonha, ambos mais distintos por sua virtude que por seu nobre nascimento; mas nenhuma coisa acrescentou tanto esplendor a sua herdada nobreza como terem sido pais de nosso santo. Foi o terceiro de sete filhos que tiveram, seis varões e uma mulher, a todos os quais, com o andar do tempo, ganhou nosso Bernardo para Deus. A todos os criou a seus peitos a piedosa mãe e a todos amava com ternura; mas a nenhum com tanta como a Bernardo, depois de um misterioso sonho que teve estando grávida dele. Sonhou que trazia no ventre um cachorrinho que ladrava; e, atemorizada com este sonho, desabafou com um servo de Deus a quem o comunicou, e este a consolou, prognosticando-lhe que daria à luz um menino que com o tempo seria muito vigilante guarda do rebanho do Senhor, dando incessantes ladridos contra os inimigos da fé e da Igreja. Com esta profecia de tanto consolo sentiu em seu coração a virtuosa senhora um amor muito especial por seu filho Bernardo, sem que esta preferência causasse zelos nem inveja aos outros irmãos seus. Além disso, justificavam sobejamente esta particular distinção as outras grandes prendas com que o menino havia nascido. Educou-o Aleth na virtude com singularíssimo cuidado, inspirando-lhe desde muito tenro um alto menosprezo de tudo o mais enganoso do mundo. E, porque Guido e Gerardo, seus dois irmãos mais velhos, seguiam já a profissão das armas, única carreira a que se dedicavam naquele tempo os jovens cavaleiros de sua qualidade, quis Aleth que Bernardo se aplicasse ao estudo das letras. Com este fim, enviou-o a Châtillon-sur-Seine, para que a um mesmo tempo se dedicasse ao estudo das ciências e ao da virtude. Era Bernardo, sobre uma índole extremamente dócil, de um engenho naturalmente vivo, veloz e perspicaz, pelo que em breve tempo fez progressos muito superiores a seus anos; mas, como estava tão prevenido da divina graça e parecia que a virtude havia nascido com ele, adiantou-se ainda mais na santidade que nas ciências. Falava pouco, meditava muito e amava a solidão. Distinguia-se ainda mais por sua modéstia que por seus raros talentos; as prendas de sua pessoa lhe ganhavam os corações; sua eloquência natural acabava de rendê-los e, como tomou tanto gosto às ciências, sem excetuar as profanas, pensou muitas vezes abandonar-se a elas; mas as prudentes e oportunas advertências de sua virtuosa mãe o desviaram deste laço.

Parecia ter nascido com uma devoção tão terna e tão sensível à Santíssima Virgem que, sendo ainda menino, bastava pronunciar diante dele o nome de Maria para fazê-lo saltar de gozo e de contentamento; nem para corrigi-lo daqueles defeitinhos que são inseparáveis da infância havia

outro meio mais eficaz do que dizer-lhe que aquilo desagradava à Virgem. Muito logo reconheceu quanto devia a esta Senhora; nem tampouco se duvida de que seu extremo amor à pureza fosse um dom singular da Rainha das virgens. Corria em Bernardo tanto mais perigo esta delicada virtude quanto a natureza o havia liberalmente favorecido com tudo o que podia torná-lo amável. Assim, pois, tanto sua inocência como sua castidade foram combatidas pelos modos mais violentos que se podem imaginar, e em circunstâncias em que sem milagre parecia impossível a resistência. As vitórias não diminuíam os perigos; e, reconhecendo que o mundo estava coberto de laços, resolveu buscar asilo em alguma solidão. Nem por ter tomado esta resolução deixou de estar sempre em sentinela contra os artifícios do tentador. Deteve um dia incautamente os olhos na vista de uma mulher com alguma curiosidade e indignou-se tanto contra si mesmo que logo se meteu nu até o pescoço num tanque gelado, que a casualidade lhe proporcionou ao lado, para extinguir o fogo da concupiscência ainda à custa de sua vida.

Impaciente já por executar quanto antes sua determinação, nenhuma vida lhe pareceu mais conveniente para conservar sua inocência que a nova reforma de Cister. Eram poucos os que tinham valor para abraçá-la; aterravam a todos as excessivas penitências e a extremada pobreza que nela se observava. Havia-a fundado doze ou treze anos antes o bem-aventurado Roberto, abade de Molesme, e mal se achava quem se atrevesse a professá-la. Não atemorizou a Bernardo; saiu do Egito do século e roubou-o santamente, levando consigo o mais precioso que nele havia: trinta cavaleiros distintos foram os primeiros frutos de seu zelo, começando suas conquistas por seus seis irmãos, que já todos estavam armados cavaleiros e faziam a maior oposição a seus intentos. Indo todos a Fontaine para tomar a bênção de seu pai, Guido, que era o primogênito, disse a Nivardo, o menor de todos os sete, que o deixavam herdeiro de todos os seus bens; ao que Nivardo respondeu prontamente: «Vós escolheis o céu e a mim me deixais a terra; o partido não é igual»; e com efeito os seguiu pouco depois.

Igualmente ganhou Bernardo para Deus seu tio Gaudrico, senhor de Touillon, perto de Autun, e um cavaleiro muito conhecido, chamado Hugo de Mâcon, que depois foi bispo de Auxerre. A raro jovem falava que não se sentisse logo movido a alistar-se na milícia espiritual; de sorte que, quando aparecia Bernardo, as mães escondiam seus filhos e as casadas tinham distraídos seus maridos, persuadidas de que ninguém podia resistir a sua eloquência e a sua graça. Juntos já todos os seus companheiros em número de trinta, retiraram-se a Cister. Não cabe em explicação o gozo com que todos foram recebidos pelo abade Santo Estêvão, sucessor de Alberico, a quem havia deixado por abade o beato Roberto quando voltou a seu mosteiro de Molesme. Cumpria então Bernardo vinte e dois anos de sua idade; e, recebido no noviciado, deu princípio à nova vida com tanto fervor que seus primeiros passos igualaram desde logo a perfeição dos mais santos religiosos no fim de sua carreira. Desde então declarou eterna guerra a seu corpo e a seus sentidos. Suas mortificações ordinárias eram excessos. A abstinência e o jejum não se podiam estreitar mais. Estes rigores arruinaram de todo sua saúde; perdeu inteiramente o sentido do gosto. Seu domínio sobre o da vista foi tão grande que, depois de ter estado um ano no noviciado, não sabia se o teto era de abóbadas, nem se havia na igreja mais que uma janela.

Foi fruto da pureza de seu coração e da mortificação de sua carne o maravilhoso gosto que achava na oração. Desde logo se lhe concedeu um dom muito elevado de contemplação, comprazendo-se Deus em comunicar-se àquele inocente espírito; e este delicioso gosto, esta íntima união com

Deus, esta terna devoção durou-lhe constantemente toda a vida.

Acabado seu noviciado, fez Bernardo sua profissão nas mãos do santo abade Estêvão, juntamente com os outros trinta noviços que o haviam seguido; e celebrou-se este devoto ato pelo mês de abril do ano de 1114. Unido mais estreitamente com Deus por este novo vínculo, cresceu em Bernardo a acesa ânsia de uma consumada perfeição. Nenhum homem o excedeu jamais em domar a delicadeza de sua compleição nem a debilidade natural de seu temperamento. Os mais penosos e os mais vis ofícios da casa eram, ao que parece, os que mais lisonjeavam seu amor-próprio. Parecendo ao abade que não tinha forças nem habilidade para segar, como o faziam os outros monges, eximiu-o deste labor; mas o santo pediu ao Senhor com tantas instâncias que lhe desse maneira e forças para aquele exercício que foi ouvido; e na seguinte ceifa fez muitas vantagens a todos na destreza, atividade e vigor com que exercitou aquele trabalhoso ofício. O trabalho de mãos não interrompia sua íntima união com Deus nem sua oração. Ouviu-se-lhe dizer muitas vezes no decurso de sua vida que nos campos e nos bosques havia recebido a inteligência da sagrada Escritura pela oração e pela meditação, sendo seus mestres as azinheiras e as faias no estudo dos livros sagrados. Com efeito, aquela sublime penetração, tanto das verdades como dos mistérios de nossa religião, em que foi tão sobressalente nosso santo, sempre se reputou na Igreja por sobrenatural e milagrosa.

Foram tantos os que concorreram ao mosteiro de Cister, movidos da reputação de São Bernardo e do exemplo de seus trinta companheiros, que foi preciso enviar muitos deles a povoar outros desertos. Depois que o santo abade despachou uns a La Ferté, sobre o rio Saône, e outros a Pontigny, escolheu São Bernardo para que fosse fundar a terceira colônia em Claraval, que em breve tempo se tornou mais célebre e foi mais numerosa que a matriz. A cerimônia que então se observava em semelhantes fundações era enviar o abade doze religiosos e entregar uma cruz ao superior deles. Saiu Bernardo da igreja de Cister com este estandarte na mão; e, seguido de seus companheiros, chegaram a um espantoso deserto da diocese de Langres, perto do rio Aube. Era aquele sítio uma toca de ladrões e chamava-se talvez por isso o vale do Absinto. Não duvidou Bernardo de que aquele era pontualmente o lugar que lhe tinha destinado a divina Providência. Começaram todos a desmontar o matagal e levantaram umas estreitas choças de madeira, com um oratório. Tiveram muito que padecer; mas tudo suprimia a santidade de Bernardo; e o novo mosteiro se tornou tão ilustre e recebeu tanto esplendor que se converteu o nome de Claraval, ou Claro Vale, no do vale sombrio do Absinto.

Por mais que nosso santo procurou sepultar-se vivo naquele escuro deserto, como o Senhor o tinha destinado para brilhante tocha de todo o orbe cristão, deu-o a conhecer em todo ele. Cada dia chegavam novos recrutas de soldados de Jesus Cristo, que vinham alistar-se nos estandartes de Bernardo. Reis, bispos, príncipes de todas as partes concorriam a tomar seus conselhos. Em pouco tempo converteu-se Claraval em escola da religião e em seminário de santos. Não sendo já suficiente o vasto edifício para conter tantos monges, foi preciso destacar muitos para povoar outros desertos.

Tescelino, pai de São Bernardo, depois que viu que todos os seus filhos, uns atrás dos outros, o deixavam para ir servir a Deus em Claraval, ele mesmo seguiu seu exemplo e veio também abraçar a vida monástica, na qual morreu em odor de santidade, chegando a uma extremada

velhice. Não teve menos ditosa sorte sua filha Humbelina. Indo ver seu irmão São Bernardo, fez tanta impressão nela sua religiosa conversação que, renunciando a tudo, encerrou-se no mosteiro de Jully, fundado pouco tempo antes para religiosas.

Desde que Bernardo se viu nomeado abade, só havia usado da dignidade de superior para mortificar com toda a liberdade seu corpo, sem dependência de ninguém. Isto tinha tão estragada sua saúde que já comia sem gosto e sempre com repugnância. Em lugar de manteiga, por muitos dias esteve comendo sebo, ou unto muito rançoso, que lhe puseram por equivocação, e o santo o comeu sem notá-lo; da mesma maneira bebeu em certa ocasião azeite por água sem advertir. Achou-se muitas vezes às portas da morte e, por suas excessivas penitências, chegou ao extremo de não poder engolir coisa alguma sólida, sendo para ele um amarguíssimo tormento a necessidade de comer, que aos outros é de tanto gosto. Com tudo isso, em meio a seus trabalhos conservava sempre um semblante tão sereno, tão risonho e tão alegre que mostrava bem a tranquilidade de sua alma. Mas o mais extraordinário, e o que verdadeiramente mais assombra, é que um homem de uma saúde tão estragada, e que quase sempre estava enfermo, pudesse fazer tantas maravilhas. Ele só fundou cento e seis mosteiros em diferentes províncias da cristandade. O primeiro foi o das Três Fontes, na diocese de Châlons, no ano de 1118. A este seguiu-se no mesmo ano o de Tarouca, em Portugal, aonde o santo enviou uma colônia. Foram poucos os reinos da cristandade que não desejassem ter discípulos seus. A Saboia, a Itália, a Sicília, a Espanha, a Inglaterra, a Escócia e a Alemanha viram ressuscitado em seus domínios todo o primitivo fervor e toda a perfeição da vida monástica logo que neles entraram os monges de Claraval; e foram poucos os príncipes cristãos e os prelados eclesiásticos que não os pedissem.

Mas nenhuma coisa faz formar mais justo nem mais elevado conceito do extraordinário mérito e da eminente santidade de São Bernardo que os grandes, importantes e inumeráveis serviços que fez à Igreja. Depois de ter sido pai dos pobres, mestre dos religiosos, reformador da disciplina e pregador da penitência, mostrou Deus que também o havia escolhido para ser pacificador das perturbações públicas, árbitro das diferenças, Taumaturgo de seu tempo, açoite dos inimigos da fé e um dos maiores doutores da Igreja.

No ano de 1124, reconciliou o povo de Reims com seu arcebispo; no de 1127, Estêvão, bispo de Paris, com Luís, o Gordo, rei da França. No mesmo ano fez várias excursões para o mesmo fim por diferentes partes do reino. Nestas viagens compôs aquele importante tratado que nos deixou sobre a graça e o livre-arbítrio. No ano seguinte enviou à França o papa Honório II, por seu legado, o cardeal Mateus, para que celebrasse um concílio em Troyes, e quis que São Bernardo assistisse a ele. Havia-se já retirado o santo a Claraval, com firme resolução de não sair mais dali, e alegou mil razões para escusar-se, mas não lhe valeram. Foi-lhe preciso obedecer e, depois de ter mostrado ao mundo que era o restaurador da disciplina monástica, fez-lhe ver que era também a alma dos concílios. Por suas decisões e por seus conselhos se regularam os cânones do de Troyes. Deu-se comissão a São Bernardo para que dispusesse os estatutos da ordem militar dos Templários e, com esta ocasião, escreveu ao grão-mestre aquele admirável tratado que se intitula: *Exortação aos cavaleiros do Templo*.

Já havia nosso santo voltado a tomar o caminho de Claraval, impelido de seu amor à solidão, quando um funesto cisma que se suscitou o obrigou a acudir ao socorro da Igreja. Acabava de

formá-lo a ambição de Pedro de Leão, que tomou o nome de Anacleto, contra Inocêncio II, legítimo pontífice. Teve arte o antipapa para atrair a seu partido não só a cidade de Roma e o Milanês, mas também Rogério, rei da Sicília, o duque da Aquitânia e outros muitos príncipes. Refugiou-se na França o papa Inocêncio e celebrou nela os concílios de Clermont e de Étampes, a que se achou presente Luís, o Gordo. Obrigou-se Bernardo a que concorresse a ele. Examinaram-se as eleições de Inocêncio e de Anacleto, e convieram todos os padres em que se deixasse ao santo abade a decisão de um ponto tão delicado. Depois de um maduro exame, pronunciou Bernardo sua sentença em favor do papa Inocêncio, e todo o concílio abraçou e venerou como oráculo o parecer de nosso santo, declarando por antipapa Anacleto. O mesmo partido seguiram a Alemanha, a Inglaterra e a Espanha. Só o duque Guilherme, famoso por seus excessos, defendia com obstinação o cisma em que se havia empenhado. Fez São Bernardo muitas viagens à corte do duque para reduzi-lo à razão; mas todas as suas diligências as frustrava Gerardo, bispo de Angoulême, cego partidário de Anacleto. Pediu o santo a Deus na missa pela conversão do duque, e a alcançou. Depois da consagração e dada a paz ao povo, tomou Bernardo o corpo de Cristo sobre a patena, saiu para fora da igreja onde estava o duque e, lançando fogo pelo semblante e centelhas pelos olhos, falou-lhe em tom tão imperioso e tão terrível que, atemorizado o duque, caiu derribado por terra meio morto e não se pôde levantar até que o santo lhe deu com o pé, mandando-lhe que o fizesse e escutasse com respeito e reverência o que Deus lhe intimava por sua boca. De repente converteu-se aquele lobo num manso cordeiro; e, de insigne pecador, passou a ser modelo da mais austera penitência. Depois desta ilustre conquista, voou São Bernardo a sepultar-se em seu Claraval; mas ainda teve necessidade a Igreja de seu zelo e de seus apostólicos trabalhos.

Achando-se o papa em Viterbo, recebeu a obediência de Lotário, rei dos romanos; mas viu-se muito embaraçado com as pretensões e demandas daquele príncipe. Mal se viu Bernardo com o rei, tudo ficou regulado à satisfação do papa. Achou-se o santo na precisão de fazer uma viagem a Flandres, onde com sua presença aperfeiçoou muitas ilustres conversões que já haviam começado sua reputação e seus escritos. Mais de trinta cavaleiros o vieram seguindo a Claraval para entregar-se a sua direção; e no próprio ano o mesmo papa com toda a sua corte veio visitá-lo em seu mosteiro. Foi recebido com aquela pomposa simplicidade que tanto cativa e tanto edifica os grandes; acharam-se em meio a uma multidão de anjos em carne mortal, que moveram a admiração e até arrancaram lágrimas a toda a corte romana. Nem um só de tão grande número de santos monges levantou sequer os olhos para satisfazer uma curiosidade tão digna de perdoar-se.

Seguiu-se depois o concílio de Reims, em que presidiu o mesmo papa, e também este concílio obrigou Bernardo a abandonar seu amado deserto. Logo que se concluiu, fez mil instâncias para que se lhe permitisse voltar a seu Claraval; mas mandou-se-lhe que seguisse o papa em sua viagem à Itália. Assistiu ao concílio de Placência; e, tendo reconciliado os de Pisa com os genoveses, acompanhou Sua Santidade até Roma. Havia-o destinado o céu para ser árbitro de todas as diferenças. Fê-lo o pontífice legado seu à Alemanha para reconciliar Conrado, duque da Suábia, com o imperador e, de volta, achou-se no concílio de Pisa. Foi o oráculo dele, como o havia sido dos precedentes; e dali passou a Milão para purgá-la da infecção do cisma. Ao redor dele não se ouviam mais que aclamações, gritos de alegria, chamando-o em toda parte o anjo da paz e a coluna da Igreja. É verdade que a todas as partes o acompanhava o dom de milagres. Obrou um prodigioso número deles em Milão, em Pisa e em Cremona; mas o maior e mais assombroso de todos os seus milagres era o próprio Bernardo. Entre tanta multidão de gravíssimas e penosíssimas

ocupações, compôs a admirável obra do *Cântico dos Cânticos*; e, como se não tivesse outra coisa em que pensar senão em cuidar e estender as colônias de seu mosteiro de Claraval, naquele mesmo ano fundou cinco mosteiros. Parecia que não era possível manter-se a Igreja universal sem sua atividade, sempre vitoriosa e eficaz. Prosseguia o rei da Sicília, Rogério, em sustentar o cisma com porfia e com obstinação. Também esta conversão estava reservada a nosso santo abade. Achava-se então mal convalescido de uma enfermidade; e, não obstante, marchou à corte de Rogério, confundiu e desvaneceu em sua presença todas as razões do cardeal Pedro de Pisa, reputado pelo homem mais eloquente de seu século, e finalmente apagou inteiramente o cisma. De todas as magníficas ofertas que lhe fez o papa Inocêncio, em reconhecimento de seus grandes e importantíssimos serviços, só admitiu um dente de São Cesário, mártir, com cuja relíquia voltou a encerrar-se em sua amada solidão, de onde enviou duas colônias de seus filhos à Sicília, em cujo reino acabava de fundar o rei Rogério dois mosteiros para os monges de Claraval, e despachou à Irlanda outra terceira, a pedido de seu grande amigo São Malaquias.

Parecia que, para vencer todos os inimigos da fé e da Igreja, não havia outro senão o abade de Claraval. Pedro Abelardo, célebre doutor, pela vivacidade de seu engenho e por sua brilhante erudição, que ostentava com orgulho, estragou-se primeiro nos costumes e, muito pouco depois, desatinou também na fé, ensinando muitos erros, que obrigaram os prelados a convocar um concílio em Sens. Foi chamado a ele São Bernardo, refutou os erros de Abelardo, confundiu-o e por fim o moveu a que fizesse penitência o resto de sua vida. Nem foi este só o triunfo que nosso santo conseguiu dos inimigos da Igreja. Pedro de Bruys e Henrique, seu discípulo, ficaram igualmente confundidos por ele, não menos que Arnaldo de Bréscia e todos os seus sequazes. Combateu com o mesmo valor outra casta de hereges que se chamavam apostólicos e opôs-se com vigor ao monge Rodolfo, que, movido de indiscreto zelo, pregava que se devia tirar a vida a todos os judeus; fazendo também condenar no concílio de Reims Gilberto de la Porrée, bispo de Poitiers, e Eudes de l'Étoile. Chamavam-no o Taumaturgo do Ocidente pelo prodigioso número de milagres que obrava, não já em segredo ou no recanto de Claraval, mas à vista de todo o mundo. No ano de 1145 teve a consolação de ver elevado à cátedra de São Pedro um de seus discípulos, Pedro Bernardo de Paganelli, a quem o próprio santo havia nomeado abade do mosteiro de Santo Anastácio em Roma. Tomou o nome de Eugênio III, e com o tempo dirigiu-lhe o santo abade seu precioso livro da *Consideração*. Em seu pontificado encarregou-se a São Bernardo que pregasse a Cruzada contra os infiéis. Fê-lo com sucesso tão feliz e autorizou com tantos milagres o que pregava que nunca se viu exército mais numeroso de cruzados. Malogrou-se esta empresa pelos enormes pecados e excessos que os soldados cometeram. Atribuiu o santo a suas só culpas esta desgraça; e padeceu com alegria uma espécie de perseguição que ela mesma lhe ocasionou. Tendo assistido São Bernardo, como oráculo da Igreja, aos concílios de Étampes, de Reims e de Tréveris, retirou-se a Claraval para receber o papa Eugênio e, em presença de Sua Santidade, celebrou ali mesmo um capítulo geral de sua Ordem. Mas, conhecendo que a cada dia se lhe iam debilitando mais as forças, conseguiu enfim que o deixassem quieto em seu desterro. Não foi inútil à Igreja este curto descanso; nele compôs muitas obras cheias daquela moção e doçura espiritual que se experimenta em todos os seus escritos; efeito daquele abrasado amor de Deus que inflamava seu coração e daquela ternísima devoção que era propriamente seu caráter. Mas o que mais se deixava admirar era a que professava à Santíssima Virgem. Não houve servo algum desta Senhora nem mais fervoroso, nem mais delicado, nem mais eloquente, nem mais zeloso em inspirar sua devoção e em estender seu culto. Basta ler suas obras para duvidar se em todos os

séculos teve jamais a Santíssima Virgem favorecido mais amado nem servo mais fiel. Achando-se um dia na catedral de Espira, em meio ao povo e ao clero que o rodeava, extático e arrebatado, como costumava, fez três genuflexões e exclamou: «Ó clemens! Ó pia! Ó dulcis Virgo Maria!»; palavras que depois acrescentou a Igreja à antífona que tão frequentemente reza a esta Senhora.

Nenhum dia deixou de celebrar o santo sacrifício da missa, nem por suas viagens, nem por suas ocupações, nem por seus trabalhos apostólicos, nem muito menos por suas penosas enfermidades, que se lhe aumentaram nos últimos anos de sua vida. Continuou oferecendo o divino sacrifício até a última extremidade dela, e sempre com nova devoção e com mais aceso fervor. Em sua última enfermidade foi visitado por Gumardo, rei da Sardenha, que, movido da fama de sua eminente santidade, veio expressamente a Claraval para este intento. Falou-lhe o santo do abuso e da vaidade das coisas humanas, exortando-o a que ficasse em Claraval; viu-o pouco disposto a seguir seu conselho e deixou-o ir; mas prognosticou-lhe que depressa anteporia a quietude de uma cela naquele mosteiro a todo o esplendor do reino da Sardenha, e assim sucedeu efetivamente um ano depois.

Fez uma viagem a Claraval Ilino, arcebispo de Tréveris, para suplicar ao santo que fosse pôr paz entre os moradores de Metz e alguns príncipes vizinhos que desolavam aquela província. Achava-se São Bernardo pouco menos que moribundo e quis sacrificar o pouco que lhe restava de vida à quietude e à salvação daqueles povos. Deu-lhe forças o Senhor; separou dois exércitos, pacificou os ânimos, reconciliou-os; e, cimentando aquela paz com muitos milagres, voltou a Claraval para terminar tão santa vida com uma santa morte. Foram seus últimos suspiros contínuos atos do mais puro e mais aceso amor de Deus, e efeitos todos daquela sua extremada e terna confiança na Santíssima Virgem. Por fim, no dia 20 de agosto do ano 1153, este grande santo, restaurador da vida monástica, modelo da mais eminente santidade, oráculo do mundo cristão, órgão do Espírito Santo, alma dos concílios, mediador e árbitro de todas as diferenças, objeto de veneração aos papas e aos reis e de admiração a todos os povos, tendo renunciado aos mais altos postos e às mais elevadas dignidades da Igreja, morreu em Claraval com a morte dos justos, entre os braços de seus monges, em presença de grande número de bispos e de abades que de todas as partes haviam concorrido a receber sua bênção e achar-se presentes a sua morte. Morreu aos sessenta e três anos de sua idade, quarenta de vida religiosa e trinta e oito de abade. Foram seus funerais os que se costumam na morte dos santos, acompanhados de muita devoção, de grande respeito e de suma veneração a suas santas relíquias. Deu-se-lhe sepultura na igreja de Claraval, diante do altar da Santíssima Virgem, a quem está dedicada. Foram tantos e tão ruidosos os milagres que obrou Deus no sepulcro de São Bernardo que não se lhe dilatou por longo tempo o culto público. Vinte anos depois de sua morte foi solenemente canonizado pelo papa Alexandre III, que celebrou de pontifical o dia de sua canonização, cantando-lhe a missa de doutor da Igreja.

Martirológio Romano

Na região de Langres, o trânsito de São Bernardo, primeiro abade de Claraval, ilustre em santidade, vida, doutrina e milagres.

Em Alba Real, na Panônia, Santo Estêvão, rei, que, com as divinas virtudes, foi o primeiro que converteu os húngaros à fé de Jesus Cristo.

Na Judeia, São Samuel, profeta, cujas relíquias, segundo refere São Jerônimo, foram levadas a Constantinopla pelo imperador Arcádio, que as colocou perto do Hebdômon.

No dito dia, São Lúcio, senador, que, vendo a constância de Teodoro, bispo de Cirene, em sofrer o martírio, abraçou a fé de Jesus Cristo, à qual atraiu o presidente Digniano. Tendo ido com ele a Chipre e vendo morrer ali outros cristãos pela confissão da fé do Senhor, ofereceu-se voluntariamente e mereceu, pelo sacrifício de sua cabeça, a mesma coroa do martírio.

Na Trácia, trinta e sete bem-aventurados mártires que, depois de lhes terem sido cortados os pés e as mãos sob o presidente Apeliano pela fé de Jesus Cristo, foram lançados numa fornalha ardente.

No mesmo lugar, os santos mártires Severo e Memnão, centurião, que, vítimas do mesmo gênero de morte, entraram juntos triunfantes no reino dos céus.

Em Córdoba, São Leovigildo e São Cristóvão, monges, mártires, a quem, depois de terem sido encarcerados na perseguição dos árabes por defender a fé cristã, cortaram a cabeça, lançando-os depois ao fogo, com o que alcançaram a coroa do martírio.

Em Roma, São Porfírio, varão de Deus, que instruiu na fé e doutrina de Jesus Cristo o mártir Santo Agapito.

Na ilha de Noirmoutier, São Filiberto, abade.

Em Chinon, São Mesmo, confessor, discípulo de São Martinho, bispo.

Em Saintes, São Siroino, mártir.

No Quercy, Santo Amador, confessor.

Na diocese de Uzès, São Veredemo, solitário.

Em Le Mans, São Chadoíno, bispo.

Em Alexandria, São Dióscoro, mártir.

Na Lucânia, São Valentiniano, mártir.

Em Aquileia, os santos mártires Leôncio e Carpóforo, médicos árabes.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Intercessio nos, quæsumus, Domine, beati Bernardi abbatis commendet: ut quod nostris meritis non valemus, ejus patrocinio assequamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que a intercessão do bem-aventurado Bernardo, abade, nos torne gratos a vossos divinos olhos, para que alcancemos por sua proteção o que não podemos esperar de nossos merecimentos. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do livro da Sabedoria (o texto é do Eclesiástico, cap. 39).

Eclesiástico 39,6-14

> **Latim:** 6 Cor suum tradet ad vigilandum diluculo ad Dominum, qui fecit illum, et in conspectu Altissimi deprecabitur. 7 Aperiet os suum in oratione, et pro delictis suis deprecabitur. 8 Si enim Dominus magnus voluerit, spiritu intelligentiæ replebit illum : 9 et ipse tamquam imbres mittet eloquia sapientiæ suæ, et in oratione confitebitur Domino : 10 et ipse diriget consilium ejus, et disciplinam, et in absconditis suis consiliabitur. 11 Ipse palam faciet disciplinam doctrinæ suæ, et in lege testamenti Domini gloriabitur. 12 Collaudabunt multi sapientiam ejus, et usque in sæculum non delebitur. 13 Non recedet memoria ejus, et nomen ejus requiretur a generatione in generationem. 14 Sapientiam ejus enarrabunt gentes, et laudem ejus enuntiabit ecclesia.

Português: 6 Aplicará o seu coração a velar de madrugada ante o Senhor, que o criou, e na presença do Altíssimo fará as suas deprecações. 7 Abrirá a sua boca para orar, e pedirá perdão de seus pecados. 8 Porque se o Senhor grande assim o quiser, enchê-lo-á do espírito de inteligência: 9 E êle derramará as expressões da sua sabedoria como chuveiros, e na oração louvará ao Senhor. 10 E êle mesmo regulará o seu conselho, e instruções, e consultará nas suas dúvidas. 11 Ele fará pública a doutrina que aprendeu, e gloriar-se-á na lei da aliança do Senhor. 12 Uniformemente louvarão muitos a sua sabedoria, e nunca jamais ficará no esquecimento. 13 Não se perderá a sua memória, e o seu nome se repetirá de geração em geração. 14 As nações relatarão a sua sabedoria, e a Igreja publicará o seu louvor.

Nota

«O autor deste livro do Eclesiástico, de onde se tirou esta epístola, ao mesmo tempo que faz o elogio do sábio, forma o retrato do homem justo, mostrando que a verdadeira glória, o verdadeiro mérito e a verdadeira sabedoria são inseparáveis da verdadeira virtude, único assunto que deve dar matéria ao verdadeiro elogio.»

Reflexões

Será seu nome honrado de século em século, e a Igreja celebrará seus louvores. Esta profecia tem por objeto todos os justos. A série dos séculos, que vai debilitando a memória de todos os homens grandes, dá novo vigor à dos santos, tornando-a a cada dia mais respeitável. Consome o tempo até o relevo das mais belas ações dos heróis da terra; murcha-se seu viço ao cair da tarde; só a virtude dos justos não está sujeita a esta duração caduca; sempre se conserva viva a brilhantez de seu mérito, e sempre encontra a Igreja em sua piedade assunto novo para seu elogio. Mas muito mais à letra se cumpre esta profecia na Rainha dos santos e Mãe dos escolhidos, da qual se diz com razão que todos os séculos vindouros exaltarão sua dita. Da Santíssima Virgem pode-se propriamente dizer que a Igreja celebrará todos os dias seus louvores e que seu nome será de século em século honrado e glorificado. É certo que, tendo Deus predestinado Maria desde toda a eternidade para Mãe de seu Filho, desde toda a eternidade foi objeto da predileção de toda a adorável Trindade; e, se os anjos desde o primeiro instante de sua criação conheceram Jesus Cristo pela fé, como puderam deixar de reconhecer e venerar sua Mãe? Santo Agostinho, São João Damasceno, São Bernardo e muitos outros santos padres asseguram que aos profetas e aos patriarcas da lei antiga se deu antecipado conhecimento da Mãe do Redentor, que muito mais se concedeu aos anjos; pois quais seriam seus afetos de admiração, de amor e de respeito! *A prophetis prænuntiata*, diz São Sofrônio, *a patriarchis, figuris et ænigmatibus præsignata, ab evangelistis exhibita et monstrata, ab angelis venerabiliter atque officiosissime salutata.* As filhas de Sião, isto é, as almas fiéis de todos os tempos e de todos os séculos, viram e publicaram seu mérito e sua glória (Ct 6): *Viderunt eam filiæ Sion, et beatissimam prædicaverunt.* Que ideia mais sublime de sua elevada dignidade; que elogio mais magnífico que o do anjo São Gabriel no dia de sua Anunciação; que veneração mais caracterizada que a de Santa Isabel no da Visitação? *Benedicta tu in mulieribus* (Lc 1). Mas não se contenta com isto: «De onde a mim (acrescenta) que a Mãe de meu Senhor me venha visitar?»: *Unde hoc mihi?* De que maneira e em que termos se explica Tiago, o Menor, em sua liturgia, sobre os louvores da Santíssima Virgem? «Todas as criaturas vos louvem e vos bendigam, ó cheia de graças; todos os anjos e todos os homens vos honrem e vos reconheçam por templo santo, paraíso espiritual e glória das virgens, de quem Deus quis tomar carne e a quem se dignou reconhecer por mãe como filho; todas as criaturas vos louvem e vos bendigam, ó cheia de graças.» Sabemos o que neste ponto sentiu São João e todos os demais apóstolos. Em todos os séculos da Igreja houve grandes homens e grandes santos; mas nenhum destes grandes doutores deixou de sentir o mesmo pela Mãe de Deus. Santo Inácio,

mártir, no primeiro século; São Justino e Santo Ireneu, no segundo; São Gregório de Neocesareia e São Cipriano, no terceiro; Santo Atanásio, Santo Efrém, São Basílio, Santo Epifânio, Santo Ambrósio, Santo Agostinho, São Jerônimo, São João Crisóstomo, São Sofrônio, no quarto; São Cirilo, Santo Eutério, São Crisólogo e São Basílio de Selêucia, no quinto; São Fulgêncio, Santo André de Creta e outros muitos, no sexto; São Gregório Magno, Santo Ildefonso e todos os padres do segundo concílio de Niceia, no sétimo; São Germano de Constantinopla e São João Damasceno, com o quinto e o sétimo concílio geral, no oitavo; São Nicéforo, Teófanes de Niceia, no nono; o sábio Idiota e São Fulberto, no décimo; o bem-aventurado Pedro Damião e Santo Anselmo, no undécimo; São Bernardo em todas as suas obras, o abade Ruperto, Arnaldo de Chartres e Hugo de São Vítor, no duodécimo; o papa Inocêncio III e o célebre Guilherme de Paris, Santo Tomás de Aquino e São Boaventura, sem falar de São Domingos e de São Francisco, no décimo terceiro; o sábio Escoto, São Bernardino de Sena, João Gerson, São Lourenço Justiniano e Santo Antonino, no décimo quarto; todos os grandes homens e todos os sábios, nos séculos seguintes; todas estas luminárias do mundo cristão, todos estes oráculos do Espírito Santo e da Igreja, como que esgotaram suas vozes e sua eloquência em publicar as grandezas da Mãe de Deus, em exaltar seu poder depois do de seu Filho, em exortar todos os cristãos, com expressões dignas de tal assunto e com os termos mais enérgicos, a uma confiança sem limites, a uma singular veneração e a uma terna devoção à Santíssima Virgem. Pois que poderão esperar de seu futuro estado e de sua eterna salvação aqueles que não têm esta terna devoção e esta confiança cheia de consolação na Mãe de Deus?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 19 de São Mateus.

Mateus 19,27-29

> **Latim:** 27 Tunc respondens Petrus, dixit ei : Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te : quid ergo erit nobis ? 28 Jesus autem dixit illis : Amen dico vobis, quod vos, qui secuti estis me, in regeneratione cum sederit Filius hominis in sede majestatis suæ, sedebitis et vos super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus Israël. 29 Et omnis qui reliquerit domum, vel fratres, aut sorores, aut patrem, aut matrem, aut uxorem, aut filios, aut agros propter nomen meum, centuplum accipiet, et vitam æternam possidebit.

Português: 27 Então respondendo Pedro, lhe disse: Eis-aqui estamos nós que deixámos tudo, e te seguimos: que galardão pois será o nosso? 28 E Jesus lhes disse: Em verdade vos afirmo, que vós, quando no dia da regeneração estiver o Filho do homem sentado no throno da sua gloria, vós, torno a dizer, que me seguistes, tambem estareis sentados sobre doze thrones, e julgareis as doze tribus d’Israel. 29 E todo o que deixar por amor do meu nome a casa, ou os irmãos, ou as irmãas,

ou a pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou as fazendas, receberá cento por hum, e possuirá a vida eterna.

Meditação

Do singular culto que devemos render à Santíssima Virgem

Primeiro ponto

Considera que, tendo-se em conta que a Virgem é Mãe de Deus, facilmente se compreende o ardor, a terna devoção e o profundo respeito com que deve ser reverenciada. Somente os arianos, os nestorianos, os calvinistas e os luteranos, inimigos mortais da Igreja e de Jesus Cristo, tiveram atrevimento e descaramento para desaprovar e condenar o religioso culto que se deve tributar a Maria. Se até o Filho de Deus respeita sua Mãe, quanto não deverão venerar os fiéis aquela portentosa mulher a quem esteve sujeito até o próprio Filho de Deus? Toda a Igreja implora muitas vezes ao dia sua poderosa intercessão; que culto não devem render os filhos verdadeiros dela? O inferno vomita sem cessar horríveis blasfêmias contra esta Senhora; mas quantas não vomita continuamente contra Jesus Cristo? Jamais houve nem jamais haverá quem siga sua opinião e tenha a mesma linguagem senão a heresia, filha primogênita do inferno. Os verdadeiros filhos de Deus falam e discorrem de muito outra maneira. Tantos templos, tantos altares erigidos em sua honra, tantos votos oferecidos para merecer sua proteção, tantas piedosas congregações e confrarias como há na Igreja católica sob os auspícios de seu soberano nome, tudo prova, tudo publica a necessidade e a santidade de seu culto. A sublime, a incompreensível dignidade de Mãe de Deus; o augusto título de medianeira junto ao Filho do Eterno Pai; nossas necessidades, nossos interesses, nossa fé e nosso reconhecimento, tudo nos está pedindo o mesmo reverente culto. É um tributo devido à excelência, à suma dignidade de Mãe de Deus, de Rainha dos anjos e dos homens, à eminente santidade daquela que é inferior só a Deus e superior a tudo o que não é Deus. Ao considerar os afetos da mais humilde, da mais profunda veneração com que todos os santos honraram a Santíssima Virgem, as expressões de que se valeram para manifestar seu respeito interior, que nem um só deixou de tributar o culto mais elevado, excetuando a adoração de latria; quando se reflete em que a Igreja, não contente com celebrar tantas festas em sua honra com toda a solenidade possível, não se dando por satisfeita com não começar nem acabar jamais o ofício divino sem uma oração particular à Santíssima Virgem, quer que todos os dias se toque três vezes o sino para lembrar aos fiéis que tributem a esta divina Mãe o culto que se lhe deve; quanto devemos sentir o havê-la honrado tão tibiamente até este dia! Oh, quanta negligência em seu serviço! Que frieza, que indecência no culto que lhe temos tributado!

Segundo ponto

Considera que há na Igreja três espécies de religioso culto. O de latria, ou de suprema adoração, que só pertence a Deus e só nele deve terminar. Esta adoração interior que rendemos a Deus em espírito e em verdade tem seus atos ou sinais exteriores, sendo o principal deles o sacrifício, o qual só a Deus se pode oferecer; visto que o sacrifício se instituiu para dar um público testemunho e para fazer uma solene protestação e autêntico reconhecimento da soberania de Deus e de nossa dependência dele. Todo este religioso culto se deve terminar em Deus como em seu necessário fim; e, se o que tributa a Igreja à Virgem e aos santos se pode chamar religioso, é porque necessariamente se refere a Deus. Assim, pois, falando com propriedade, não é a Maria a quem dedicamos altares, consagramos templos e oferecemos sacrifício, mas a Deus, que a escolheu, a santificou e a glorificou. O segundo culto é o de dulia, e é o que se rende aos santos cujas virtudes se celebram e a quem se reconhece como a verdadeiros servos de Deus. Mas o culto que rendemos à Santíssima Virgem, como deve ser proporcionado a sua santidade e à classe que ocupa na corte celestial, também há de ser de ordem superior ao que tributamos aos santos, e por isso se chama de hiperdulia, isto é, de linha tão superior ao dos demais bem-aventurados quanta é a vantagem que lhes faz a Santíssima Virgem em santidade, em dignidade e em merecimentos. E, como a Santíssima Virgem, na qualidade de Mãe de Deus, faz na glória, digamo-lo assim, classe à parte e, sentada à direita de seu Filho, ocupa um trono muito superior a todos os anjos e a todos os santos, também merece umas honras, uma veneração e uns cultos muito superiores aos que se tributam a todos os santos que povoam a celestial Jerusalém. E bem, que culto especial é o que até aqui lhe tributei? Toda veneração é a medida do apreço que fazemos do mérito de uma pessoa e do conceito que formamos de sua dignidade. E a veneração que temos professado até agora à Santíssima Virgem será grande prova da excelência de nosso culto e de nossa devoção a esta Senhora? Respeitam-se os retratos, o nome e até os palácios dos grandes; que respeito temos tido aos templos, às imagens e ao nome de Maria? Quantas vezes em nossas devoções temos confundido as aparências de respeito com um mero costume?

Virgem santa, grande é minha dor de ter-vos honrado, de ter-vos amado tão pouco até o dia de hoje. A confiança que tenho em vossa bondade alenta minha esperança de que esquecereis minhas passadas negligências. Desde este mesmo ponto começo a honrar-vos como a mãe de meu Deus; começo a amar-vos como a minha querida mãe. Dignai-vos receber o arrependimento e os votos de um humilde servo vosso, que foi infiel até aqui, mas que está bem resolvido a ser todo o resto de sua vida o mais rendido e o mais zeloso de todos os vossos escravos.

Jaculatórias

> *Dignare me laudare te, Virgo sacrata.* Hino da Igreja.

Dignai-vos, ó sacratíssima Virgem, de que todos os dias de minha vida eu seja um perpétuo panegirista de vossos louvores.

> *Ave, Regina cœlorum; ave, Domina angelorum.* Hino da Igreja.

Deus te salve, Rainha dos céus; Deus te salve, Senhora dos anjos e dos homens.

Propósitos

1. Rezam-se muitas orações e faz-se pouca oração; mais parece ler que meditar ou pedir. O pouco respeito e a pouca atenção nas devoções lhes tiram o mérito e nos privam do proveito. Se queres que a Virgem ouça tuas orações e que lhe sejam agradáveis, vive bem. Sempre estão puros os lábios quando o coração não está manchado de culpa. Teu interior e teu exterior, com respeito à Santíssima Virgem, sejam prova da ternura com que a amas e sinal visível do religioso culto que lhe rendes. Venera singularmente todas as coisas que lhe pertencem ou se referem a ela: devoções, imagens, símbolos, orações, capelas, confrarias, tudo o que se dirige a honrar a Mãe de Deus, a inspirar confiança na Mãe de Deus e a promover a devoção à Mãe de Deus; tudo há de ser doce, precioso e respeitável para ti. Não percas ocasião de mostrar tua religiosa paixão pela Mãe de Deus, de exaltar suas grandezas, de publicar seus louvores e de estender seu culto. Estes afetos são próprios de todos os seus verdadeiros servos.

2. Honra-se verdadeiramente a Santíssima Virgem honrando toda a sua família; singularmente Santa Ana, São Joaquim e sua prima Santa Isabel, São Zacarias, São João Batista, São João evangelista e, sobretudo, seu casto esposo São José, guarda e testemunha de sua virgindade. Honra também por seu respeito todos os santos que mais sobressaíram em sua terna devoção. Celebra com solenidade e com especial fervor todas as suas festas. É devoção muito meritória jejuar nas vésperas das festividades da Virgem. Mas, sobretudo, hás de impor-te uma lei particular de rezar com singular devoção as orações que fizeres a esta Senhora. Jamais deixes de rezar as Ave-Marias pela manhã, ao meio-dia e à noite; mas sempre com toda a atenção e respeito. Pronuncia sempre com grande veneração o sagrado nome de Maria e, durante o dia, repete muitas vezes esta bela oração da Igreja: *Maria, mater gratiæ, mater misericordiæ, tu nos ab hoste protege, et hora mortis suscipe.*

Revision #1
Created 20 November 2026 20:51:39 by Admin
Updated 20 November 2026 20:51:39 by Admin